

ARÁBIA SAUDITA

Guerra de tronos na Casa de Saud

Uma purga no seio da família real revelou o novo homem forte no reino saudita: o príncipe herdeiro

MARGARIDA MOTA

Ainda não é rei, mas já age como tal, porventura convicto de que a subida ao trono é uma questão de tempo. Mohammad bin Salman, entronizado príncipe herdeiro da Arábia Saudita há apenas quatro meses, tem em mãos uma revolução política, económica e social no reino que, a cada nova medida anunciada, produz ondas de choque em todo o mundo.

Na quinta-feira, eram já 201 os membros da elite detidos ou afastados no âmbito de uma operação anticorrupção iniciada faz hoje uma semana, horas após MbS (como é conhecido o príncipe herdeiro) ter assumido a liderança do novo Comité Supremo Anticorrupção. “Garanto que quem estiver envolvido em atos de corrupção não será poupado, seja um ministro, seja um príncipe”, prometera ele em maio, numa entrevista à televisão Al-Arabiya, era então ministro da Defesa.

Entre os visados estão ex-governantes, ministros em funções e príncipes — como Alwaleed bin Talal, acionista das empresas Twitter e Citigroup e presença habitual na lista dos milionários da “Forbes”. Muitos deles estão detidos... num hotel, o luxuoso Ritz-Carlton de Riade. Nesta operação, estima-se que tenham sido confiscados ativos no valor de 800 mil milhões de dólares (€688 mil milhões).

Outro proscrito é Miteb bin Abdullah, filho do anterior rei, Abdullah bin Abdulaziz (2005-2015), até agora ministro da Guarda Nacional e o último membro do ramo Abdullah a ocupar uma posição importante. Outro alvo foi o antigo príncipe herdeiro, Mohammed bin Nayef, primo de MbS, que viu as suas contas bancárias serem congeladas, tal como aconteceu a cerca de 1700 “pessoas com interesse” para a investigação. Nayef, ex-ministro do Interior, era um homem da confiança dos EUA, onde era visto como “o czar do combate ao terrorismo”, nomeadamente pelo seu



Realeza promete lealdade a MbS, numa cerimónia em Meca FOTO BANDAR ALGALUD/REUTERS

papel na luta contra a Al-Qaeda. A monarquia saudita é absolutista, mas — como ficou provado esta semana — o poder não é monolítico. Há um equilíbrio de forças entre os vários ramos da gigantesca família real que, de tempos a tempos, perde a sutileza e transforma-

“Quem estiver envolvido em atos de corrupção não será poupado, seja ministro ou príncipe”, prometeu MbS

—se numa purga.

Paralelamente a esta “limpeza” na Casa de Saud, foi anunciada uma nova lei antiterrorismo que prevê, em caso de vítimas mortais, a aplicação da pena de morte. “Setenta por cento da população saudita tem menos de 30 anos. Com toda a honestidade, não vamos passar 30 anos das nossas vidas a lidar com ideologias extremistas. Vamos

destruí-las já e imediatamente”, garantiu o príncipe herdeiro, em finais de outubro, numa intervenção pública.

“A Arábia Saudita não era assim antes de 1979” — o ano da Revolução Islâmica no Irão e de uma tentativa de tomada da Grande Mesquita de Meca por parte de rebeldes xiitas. “A Arábia Saudita e toda a região passaram por um revivalismo depois de 1979. Tudo o que estamos a fazer é voltar àquilo que éramos: um Islão moderado, aberto a todas as religiões e ao mundo, e a todas as tradições e povos.”

Há pouco mais de um mês, uma nova mudança anunciada por Riade visou um dos maiores símbolos do conservadorismo saudita — a proibição das mulheres conduzirem. Por decreto real, ficou determinado que, a partir de junho de 2018, as sauditas já poderão fazê-lo.

Tomadas em pouco tempo, este tipo de medidas contribuem para contrariar a pesada herança que a Arábia Saudita carrega, sobretudo após o 11 de

Setembro, e que a estigmatiza como um país ultraconservador e retrógrado, que financia o terrorismo (15 dos 19 pilotos do 11 de Setembro eram sauditas, tal como Osama bin Laden) e onde se paga caro o exercício de liberdades e atos de dissidência (o *blogger* Raif Badawi é o caso mais famoso). E contrariam a imagem de um país que apenas deve o poder que tem a inesgotáveis jazidas de crude.

Nem tudo será obra de MbS. Mas, aos 32 anos, ele é a voz mais influente junto do pai — que completará 82 anos no último dia de 2017 — e também o grande dinamizador do esforço de modernização que o país tem em curso (Visão 2030). Em junho de 2016, foi lançado o Plano de Transformação Nacional, visando a diversificação da economia, a abertura ao sector privado e ao estrangeiro. Com este Plano, Riade pretende triplicar os rendimentos não provenientes do petróleo. É que muito dificilmente o preço do barril voltará aos 100 dólares.

mnota@expresso.imprensa.pt

Guerra e Paz

Miguel Monjardino
miguelmonjardino@gmail.com



TEMPESTADE NO DESERTO

O fim de semana passado foi histórico na Arábia Saudita. O rei Salman e o príncipe herdeiro, o seu filho Mohammad bin Salman, avançaram para a centralização do poder no seu ramo da família real. Isto permite-lhes controlar agora todas as principais instituições políticas, económicas e militares do país. O dia 4 de novembro assinala também o início da transformação total da estrutura do Estado saudita.

Do ponto de vista do rei Salman, do filho e dos seus aliados, todo este processo é inevitável. O país tem 33 milhões de habitantes. Cerca de 70 por cento têm menos de 30 anos. Um quarto da população está desempregada, a economia estagnou e o défice orçamental deverá ficar nos 8 por cento este ano. Milhares de pessoas regressam anualmente do estrangeiro depois de terem concluído os seus cursos em universidades europeias e norte-americanas. O país não pode continuar assim. Esperar, daria origem a uma tempestade política no deserto.

A centralização do poder no ramo familiar do rei Salman destina-se a garantir a sucessão do filho e a concretização da “Visão 2030” que ambiciona transformar rapidamente a economia nacional. Esta iniciativa visa diminuir a dependência em relação ao petróleo, atrair muito mais investimento externo estrangeiro, privatizar uma parte da Aramco — a empresa pública petrolífera — e iniciar a exploração de minerais. Uma nova cidade — o projeto NEOM — na costa do Mar Vermelho ligará a Arábia Saudita ao Egito e à Jordânia com o objetivo de transformar o Canal de Suez numa nova plataforma geopolítica, tecnológica e financeira a nível internacional. Riade espera ter e manter o apoio da população mais jovem em todo este processo de mudança nacional.

O 4 de novembro tem também um contexto regional. Para o rei Salman e para o herdeiro, a tradicional política externa saudita, assente na prudência e na coesão árabe no Golfo Pérsico e no Médio Oriente, está obsoleta. Sobretudo por causa do sucesso das forças militares e paramilitares do Irão e das milícias xiitas no Iraque, Síria e Líbano. Para o príncipe, Riade tem de passar a agir de uma forma diferente. A guerra no Iémen, a coerção sobre o Qatar e a demissão do primeiro-ministro, Saad Hariri, no Líbano, fazem parte deste processo de afirmação saudita. Riade tem tido o apoio dos Emirados Árabes Unidos, da Administração Trump e de Israel na confrontação com o Irão.

Os acontecimentos em Riade levantam questões importantes ao nível do risco político na Arábia Saudita. Salman e o filho têm imensa pressão. É isto que explica a opção de tentar concretizar vários objetivos internos e externos simultaneamente. Como é que os sauditas, os investidores internacionais e os rivais regionais reagirão ao 4 de novembro?

Tensão no Golfo faz subir preço do petróleo

Receios da instabilidade geopolítica crescente em toda a região do Golfo Pérsico coloca barril em máximos de dois anos

A tensão crescente no Golfo Pérsico continua a puxar os preços do petróleo para cima, com o barril de Brent a valer 64 dólares ontem de manhã —

uma subida de 6,6% face aos valores registados no passado sábado, antes de detenção de vários príncipes, ministros e ex-ministros na Arábia Saudita, por suspeitas de corrupção.

Uma purga que marca a tentativa de consolidação do poder pelo príncipe herdeiro, Mohammad bin Salman, de 32 anos, que “tem feito decla-

rações incendiárias em várias direções, o que já originou um fratura interna dentro da própria família real saudita”, nota António Costa Silva, presidente da Partex. Este especialista em questões petrolíferas frisa ainda que a instabilidade crescente na Arábia Saudita surge associada à continuidade de uma guerra surda com o Qatar e aos

conflitos no Iémen e no Irão. Um tabuleiro geopolítico “complicado e altamente incerto”, ao qual os mercados mundiais reagem com muita apreensão, pois temem que possa haver ali quebras imprevistas na produção de petróleo. Razão pela qual os preços continuam a subir, com o Brent (que serve de referência às compras portuguesas) a atingir máximos de dois anos.

O polémico príncipe saudita Mohammad bin Salman defende um prolongamento dos cortes na produção desta matéria-prima, dando ainda mais expressão ao compromisso alcançado em finais de 2016 entre a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e 10 produtores independentes — incluindo a Rússia — que entrou em vigor em janeiro com a vigência de um ano. No entanto, os cortes acordados vão ser prolongados por mais três meses até 31 de março de 2018. Já se admite que esses cortes possam voltar a estender-se, o que vai de encontro às pretensões da Arábia Saudita — o principal produtor mundial.

Os países membros da OPEP e os seus aliados voltam a reunir-se a 30 deste mês, em Viena (Áustria), para rever a situação. O secretário-geral da OPEP, Mohammed Barkindo, assumiu publicamente esta semana que os produtores de petróleo mantêm conversações sobre um eventual prolongamento do

limite na oferta para assegurar o aumento dos preços nos mercados internacionais.

O único fator de perturbação nesta estratégia da OPEP (e aliados) é a posição dos Estados Unidos, cuja produção continua a aumentar. “Aliás, está em marcha a retoma de muitos investimentos na produção/exploração que tinham sido abandonados há pouco mais de um ano”, o que pode traduzir-se num aumento inesperado de oferta nos mercados, sublinha o presidente da Partex.

A subida da cotação é uma boa notícia para países produtores, como as economias do Golfo ou Angola que têm sido bastante penalizadas pelos preços baixos, é uma má notícia para todos os importadores, onde se inclui Portugal. Segundo contas do Ministério das Finanças, uma subida de 20% no preço médio do petróleo em 2018 representa uma perda de 0,1 pontos percentuais no crescimento real do PIB. O Orçamento do Estado foi elaborado com base num preço médio de 54,8 dólares para o barril e uma subida de 20% corresponderia a cerca de 10 dólares a mais. Um nível que já se verifica neste momento mas que teria que se manter para provocar estragos no cenário de Mário Centeno.

JOÃO SILVESTRE
e VÍTOR ANDRADE
jsilvestre@expresso.imprensa.pt



instituto politécnico de leiria

ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Nos termos do disposto pelo artigo 86.º do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), aprovado pela Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, do artigo 36.º, n.º 3 dos Estatutos do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e do artigo 5.º do Regulamento de Eleição do Presidente do IPL, aprovado em 3 de abril de 2009 pelo Conselho Geral do Instituto, torna público que, de 13 de novembro de 2017 a 9 de fevereiro de 2018, se encontra aberto o prazo para apresentação de candidaturas à eleição do Presidente do IPL.

O processo e o calendário eleitoral encontram-se regulados no Regulamento de Eleição do Presidente do Instituto Politécnico de Leiria, disponível para consulta em www.ipleiria.pt.

Leiria, 20 de outubro de 2017.

O Presidente do Conselho Geral do IPL,
Professor Doutor Pedro Manuel Gonçalves Lourtie